



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 14



OS PORTAIS DO CICLO LUNAR

A Lua Cheia e a Plenitude da Deusa

Celebração, corporeidade e mistério

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





O desabrochar da luz

A Lua ensina por suas mudanças. Depois do recolhimento escuro, sua face iluminada reaparece como um sorriso de prata. O arco se amplia, alcança o quarto crescente e segue até a plenitude. Na linguagem da Arte, esse percurso expressa o desenvolvimento: aquilo que se abrigava no invisível começa a encontrar uma forma na existência.

O broto que atravessa a terra, a criança que ensaia seus primeiros passos, a flor que se abre e a borboleta que deixa o casulo oferecem imagens desse movimento. O crescimento reúne transformação e continuidade. A vida não se conserva por permanecer imóvel; ela prossegue, e cada passagem exige que uma possibilidade se torne experiência.

Na Lua Cheia, a Tradição reconhece uma maré favorável à concretização de propósitos materiais e subjetivos. A luz plena representa a capacidade de amadurecer, tornar visível e realizar. A relação com a Deusa favorece a escuta das intuições e a percepção das condições que uma intenção precisa encontrar para ganhar corpo.

Uma semente, porém, não rompe o chão isoladamente. Seu desenvolvimento depende de solo, umidade, calor e da participação dos elementos. Assim também acontece com os nossos intentos: uma possibilidade precisa de condições mínimas para crescer. Sem elas, a vida que poderia surgir permanece atrofiada.

A magia participa dessa interdependência. A afeição pede encontro; o aumento de recursos exige movimento; a procura de trabalho requer interesse e presença no mundo. Esperar que tudo aconteça sem tomar parte no processo separa a intenção da vida concreta. A plenitude lunar convida a reconhecer a parcela de responsabilidade que nos cabe naquilo que desejamos realizar.





Plenitude, tensão e corporeidade

A oposição entre Sol e Lua torna visível a face lunar iluminada. No simbolismo da Tradição, essa relação fala de tensão, nascimento e transbordamento. O ápice de um ciclo pode reunir alegria e estranheza, realização e inquietação. Algo que alcança sua medida está pronto para aparecer, ser colhido e cumprir sua função.

O imaginário da Lua Cheia inclui a “Lua dos Loucos”, as associações com partos espontâneos e crimes passionais e a ideia de uma intensidade que parece ultrapassar os limites habituais. Essas imagens pertencem à leitura tradicional apresentada pelo autor: aqui são abordadas como parte do repertório simbólico lunar, sem serem convertidas em indicadores clínicos ou estatísticos.

O amadurecimento interior também contém a experiência de esvaziar-se depois de transbordar. A colheita conclui uma etapa; atingir um objetivo realiza um destino; o orgasmo anuncia o término de uma tensão de prazer. A plenitude guarda, dentro de si, a próxima transformação. Ela não oferece uma permanência imóvel.

As facetas da maternidade da Deusa se tornam especialmente presentes nessa maré. Sua paixão ambivalente reúne acolhimento e força criadora. No trabalho mágico, a Lua Cheia representa o vórtice em que a energia se eleva e a intenção encontra um momento de projeção. As ondulações de humor integram a linguagem de uma experiência que mobiliza corpo, afeto e percepção.

A completude pode tornar perceptível algo que antes permanecia inconsciente. Por isso, a imagem do espelho cósmico acompanha essa fase: nele, o tempo e suas impressões se tornam visões, pressentimentos e reconhecimento. A gestação próxima do nascimento e o pênis ereto, pronto para expelir o gozo, expressam o mesmo limiar criador. Magia, paixão e corporeidade manifestam o espírito.





O encontro mensal com a Deusa

O esbá abre um espaço de encontro entre as necessidades humanas e os mistérios da Deusa. Sua estrutura litúrgica moderna, na apresentação autoral desta formação, reúne o folclore recolhido por Charles Leland em *Aradia: O Evangelho das Bruxas* e a elaboração poética de Doreen Valiente em *Os Encargos da Deusa*. A Grande Mãe chama seus filhos à reunião, ao aprendizado e à expressão de seus pedidos.

A Lua Cheia é a ocasião preferencial desse encontro. O culto mensal acolhe feitiços, proteção, busca de cura e nutrição espiritual. O praticante pode se dirigir à Deusa com suas necessidades, reconhecendo que a vida religiosa inclui as questões concretas da existência e o desejo de aprofundar os mistérios da Arte.

Nas formas mais estruturadas, a celebração ocorre no Círculo Mágico. A invocação da Deusa, o trabalho de feitiçaria, a Puxada da Lua, o Grande Rito simbólico e a partilha de bolos e vinho compõem esse repertório. A união da lâmina com o cálice expressa o encontro das potências geradoras, e a partilha integra a comunhão ao corpo.

Uma celebração intimista e simples também pode ter profundidade. A presença, a preparação e a relação com o sentido dos gestos sustentam o trabalho. Nas páginas seguintes, a sequência prática preserva as orientações do rito taliesiniano. O Círculo, o Grande Rito e Bolos e Vinho seguem as fórmulas já apresentadas na Apostila 10.

A leitura dos Encargos participa desse encontro como uma voz poética. Sua proclamação oferece matéria para contemplação, permitindo que o pedido pessoal dialogue com a aprendizagem, a liberdade, o amor e a responsabilidade que a Deusa anuncia.





Celebrar • Materiais e abertura

Materiais necessários

1 vela branca: Representando a luz e a energia lunar.

1 cálice com vinho tinto: (Ou suco de uva tinto, caso prefira não consumir álcool).

Pão ou biscoitos de trigo: Representando o alimento e a nutrição da Terra.

1 tigela de libação: Para depositar as oferendas caso o ritual ocorra em ambiente fechado.

Todos os instrumentos para: formar o Círculo Mágico Taliesiniano.

A tigela de libação recebe as oferendas quando o rito acontece em ambiente fechado. Disponha os alimentos, a bebida e a vela de modo que a celebração possa prosseguir com serenidade. Os demais instrumentos acompanham a abertura do templo, conforme a prática do Círculo Taliesiniano.

Passo a passo do ritual

Preparação: Tome um banho de limpeza conforme o mês da Luação, dedique alguns minutos ao relaxamento e à respiração profunda. Arrume seu altar com a vela, o pão e o cálice.

Abertura do Círculo Taliesiniano e Invocação da Deusa no Esbá: Acenda a vela branca e invoque a presença da Deusa de forma verbal ou meditativa, expressando o desejo de se conectar com a energia lunar.

O banho acompanha o mês da luação. As correspondências mensais de Hécate foram apresentadas na Apostila 13. A respiração e o relaxamento fazem a passagem do ritmo cotidiano à disposição ritual; a preparação reúne o estado interior e a organização do espaço.

A abertura do Círculo conserva a sequência e as fórmulas da Apostila 10, páginas 2-4. Não substitua essa abertura apenas pelo acendimento da vela: a orientação acima inclui o Círculo Taliesiniano e a invocação da Deusa no esbá.





Celebrar • Pedido e encerramento

Leitura Litúrgica: Declamar o texto Os Encargos da Deusa de forma poética e contemplativa, permitindo que as palavras tragam insights e reflexões profundas.

O Pedido e a Magia: Segure o cálice de vinho entre as mãos. Converse abertamente com a Deusa como uma mãe acolhedora, expressando suas intenções, necessidades e pedidos mágicos para aquele momento.

Realize o Grande Rito e depois Bolos e Vinho conforme descrito na Apostila 10, página 5.

Encerramento: Agradeça à Deusa pela presença e pela escuta. Permaneça alguns instantes em meditação silenciosa antes de encerrar o ritual e o Círculo Mágico. Ao final, leve o conteúdo da tigela de libação e despeje na terra (jardim ou gramado) como oferenda de gratidão.

Para a leitura litúrgica, as páginas 18-19 reúnem as duas partes dos Encargos citadas nesta formação. As páginas 10-17 desenvolvem sua contemplação. As palavras preservam a relação entre devoção e aprendizado, sem transformar o momento em uma recitação automática.

No Grande Rito e em Bolos e Vinho, utilize os gestos e as fórmulas da Apostila 10, página 5. O agradecimento, a meditação, a despedida dos Deuses e Guardiões e o encerramento do Círculo seguem a mesma prática já aprendida. A libação conclui a partilha pela devolução da oferenda à terra.

Esse rito permanece uma celebração mensal, sem receber um novo número de exercício. A sequência dos Exercícios 1-7 continua preservada. Seu valor está em renovar o vínculo com a Deusa, acolher as necessidades e dar forma ao trabalho mágico.





Lua e Terra · Interior e expressão

Celebrar o esbá cria uma pausa de presença na rotina. O praticante reconhece suas necessidades, renova as forças mágicas e retoma a ligação com a fonte geradora e nutridora da vida. Essa experiência participa de um caminho que é tanto lunar quanto telúrico: Lua e Terra exprimem uma maneira de viver e de executar a Arte.

Na leitura simbólica da Tradição, moldar e talhar oferecem uma chave para compreender a Wicca. A alma se trabalha em direção à totalidade, em um movimento que começa no interior, alcança o exterior e retorna ao interior transformado. Essa imagem descreve a formação do praticante, sem ser apresentada aqui como demonstração etimológica.

A constância nos exercícios e nas práticas prepara o despertar que o ritual favorece e amplia sua presença no cotidiano. No desenvolvimento interior, a Lua corresponde às sensações e percepções, à respiração, à postura e ao estado mental. A Terra corresponde à execução dessa dinâmica: gestos, palavras e visualizações que exprimem e organizam a experiência.

No nível ritual, a forma-pensamento pertence à Lua, compreendida como plano astral e supracósmico. Sua manifestação física pertence à Terra: invocações pronunciadas, símbolos, instrumentos, utensílios e movimentos. O trabalho encontra fundamento quando a expressão concreta sustenta aquilo que foi construído no interior.

A natureza lunar e telúrica da Deusa apresenta a união dessas dimensões. Tanto a feitiçaria quanto o ritual precisam dessa base para amadurecer. Assim como o vinho necessita do cálice que o contém, uma intenção precisa de sustentação. A fórmula do feitiço e a execução do ritual oferecem fundamento telúrico ao trabalho realizado nas marés de poder.

A máxima dos Encargos que remete à busca dentro de si esclarece essa relação. Toda a Bruxaria parte do interior para o exterior e retorna ao interior. As ferramentas prolongam o trabalho do praticante; sua participação consciente dá vida ao conjunto e reúne desenvolvimento espiritual e ação.





Da intenção à manifestação

A Lua Nova e a Lua Cheia oferecem duas imagens complementares da mesma dinâmica. Na escuridão da fase nova, o plano astral é compreendido como receptivo a novas formas. O transe favorece o depósito do intento nesse espaço de possibilidade, antes de sua realização exterior.

A Lua Cheia representa o momento de executar aquilo que amadureceu. As marés de poder chegam ao apogeu e podem ser enviadas à Terra. Na linguagem da Tradição, o astral encontra manifestação no mundo. O rito confirma e realiza o que foi intencionado e preparado.

Essa relação pede congruência entre o que se deseja, o que se constrói interiormente e o que se faz. A ritualização de um propósito não dispensa as condições de sua existência. Como a semente necessita de solo, a intenção necessita de participação e de fundamento.

O esbá de Lua Cheia se insere nesse movimento: a preparação reúne corpo e consciência, a palavra torna o intento reconhecível, o gesto lhe oferece forma e a comunhão integra o praticante ao ciclo. Sem essa dinâmica, os propósitos podem ficar interrompidos antes de encontrar realização.

A plenitude é um limiar, e a passagem seguinte já se anuncia nela. O que se manifesta precisa ser vivido, acolhido e transformado. A compreensão de Lua e Terra amadurece quando esse percurso deixa de ser apenas uma imagem e passa a orientar a prática.





A poesia como linguagem da Arte

A Bruxaria lê poeticamente o mundo. Suas liturgias oferecem inspiração, imagens e caminhos de experiência. A poesia pode alcançar o que permanece sem nome na vivência ritual, tocar a sensibilidade, elaborar angústias e abrir espaço para o mistério.

Invocações, encantamentos, rimas, versos e palavras de poder participam dessa linguagem. A compreensão de um texto ritual inclui aquilo que ele desperta em quem o proclama e em quem o escuta. Sua profundidade se revela no encontro entre palavra, estado interior e experiência.

Os *Encargos da Deusa*, também chamados *Carga da Deusa*, ocupam um lugar central nessa tradição poética. O material autoral relaciona sua presença na Wicca a Doreen Valiente e Gerald B. Gardner, reunindo referências diversas em uma voz litúrgica que apresenta a natureza da Deusa e os fundamentos religiosos e mágicos da Arte.

A palavra “encargo” indica dever e incumbência. O texto comunica uma tarefa proposta pela Deusa, cuja compreensão pede atenção às metáforas. Sua leitura em assembleia ou solitariamente, sob a Lua e dentro do Círculo, pode revelar sentidos diferentes à medida que a experiência se amplia.

As duas partes formam uma unidade. A primeira apresenta a Grande Mãe em sua proximidade com os ciclos da vida. A segunda conduz à Deusa das Estrelas, cuja natureza ultrapassa nomes e formas. A contemplação passa da imanência à transcendência, sem separar os dois movimentos.





A Grande Mãe e o chamado lunar

“Ouçam as palavras da Grande Mãe que em outras eras era chamada de Ártemis, Astartéia, Dione, Melusina, Afrodite, Cerridwen, Diana, Arionrhod, Brigida e por muitos outros nomes...”

A voz inicial é a da Grande Mãe, força primordial da vida. Os nomes de diferentes deusas apresentam manifestações culturais dessa potência universal. A enumeração é exemplificativa; o comentário autoral aproxima a multiplicidade divina do simbolismo doze, relacionado às moradas zodiacais e à passagem do tempo e das estações.

A Lua atravessa os doze signos e, nessa dança, assume atributos que podem alimentar a reflexão e a feitiçaria. Sua face reúne mudança e continuidade, permitindo que a mesma potência seja reconhecida em expressões distintas.

“Sempre que tiverdes necessidade de alguma coisa, uma vez por mês, de preferência na Lua Cheia, reuni-vos em algum lugar secreto e adorai meu espírito, eu que sou a Rainha de toda a sabedoria.”

A convocação mensal orienta o culto lunar. O lugar secreto recorda o valor do “Calar”: recolhimento e reserva protegem a experiência. A Lua Cheia é preferencial; o esbá também pode ser celebrado em outra fase, idealmente na maré crescente.

“Lá deveis vos reunir, vós que estais dispostos a aprender todo tipo de bruxarias, mas ainda não conheceis os segredos mais profundos dela; a estes eu ensino coisas que ainda são desconhecidas.”

A aprendizagem das técnicas não esgota a Arte. As bruxarias oferecem meios para os intentos, mas seus segredos se aprofundam pela relação vivida com os mistérios. A disposição para aprender e entregar-se à experiência permite que o culto revele o que uma descrição técnica, isoladamente, não alcança.





Liberdade, alegria e amor

“E sereis livres de escravidão; e como sinal de que sereis realmente livres, ficareis despidos nos vossos rituais; e haveis de cantar, dançar, festejar, tocar música e fazer amor, tudo em minha homenagem. Porque meu é o êxtase do espírito e minha também é a alegria que há na Terra; porque a minha lei é distribuir o amor para todos os seres”

A liberdade proclamada alcança as limitações, as crenças restritivas e a sujeição às autoridades e às morais que impedem a experiência de si. Seu caráter dionisíaco reúne desprendimento e celebração. O despir-se ritual representa essa passagem e a retirada das máscaras sociais.

Estar vestido de céu expressa a correspondência entre o que se diz e o que se é. A nudez também apresenta a pessoa sem os empréstimos culturais que podem encobrir sua presença diante do mistério. A liturgia associa esse gesto à libertação e à disposição de encontrar a Deusa com inteireza.

A religião da Deusa acolhe alegria e prazer. Música, canto e dança conduzem ao êxtase e à elevação de energia. Na leitura desta formação, o desprendimento da centralidade do ego pode favorecer a escuta do Self. A dança ritual impregna a intenção no plano supracosmético, participando do ato mágico.

Fazer amor, dançar e celebrar honram os requintes de nossa breve existência. A sabedoria desse encontro reconhece o prazer como caminho de devoção. O amor mencionado não se limita à relação romântica ou erótica: é uma energia espiritual de transformação.

Esse amor participa da alquimia interior e se encontra em toda a criação. A Deusa o distribui a todos os seres; ele não é uma recompensa reservada a eleitos. Aproximar-se dessa potência permite ascender aos seus mistérios.





O ideal e o Caldeirão da Vida

“Haveis de manter puro o vosso ideal mais elevado, esforçando-vos para sempre atingi-lo; não deixeis absolutamente nada vos impedir ou vos desviar. Porque minha é a Porta Secreta que se abre para o País da Juventude e minha é a taça do Vinho da Vida, o Caldeirão de Cerridwen, o Santo Graal da Imortalidade.”

O ideal mais elevado pede fidelidade e esforço. Ele envolve a busca de realização na existência, indo além de um desejo passageiro. Preservá-lo permite cuidar do caminho e da própria integridade diante do que poderia corrompê-los ou desviá-los.

Esse ideal amadurece com o autoconhecimento. Sua pureza não equivale à rigidez de uma definição que nunca se altera. À medida que reconhecemos o que somos e o que nos move, podemos elevá-lo, encontrando maior congruência entre direção interior e modo de viver.

A Porta Secreta, o País da Juventude, o Vinho da Vida, o Caldeirão de Cerridwen e o Santo Graal da Imortalidade apresentam a Deusa como mantenedora da vida e de seus ciclos mutantes. O Caldeirão evoca Awen e a transformação que renova a existência.

Provar dessa essência significa participar da sabedoria que permeia as coisas. Na compreensão religiosa da Tradição, a morte física não esgota a vida do espírito. A passagem ao mistério da imortalidade depende de uma experiência que ultrapassa a aparência da matéria.

A imagem de beber permanece vinculada à de transformar-se. O cálice contém a vida, o caldeirão a transmuta e a porta abre uma passagem. Essas figuras oferecem caminhos poéticos para compreender o desenvolvimento do ideal, a transitoriedade e a continuidade espiritual.





A Mãe nos ciclos de vida e morte

“Eu sou a Deusa graciosa que oferece o dom da alegria ao coração do homem. Na Terra, ofereço o conhecimento do espírito eterno; e depois da Morte ofereço paz e liberdade, e reunião com os que se foram antes. Não exijo sacrifícios, pois que sou a Mãe de tudo que é vivo e o meu amor é vertido na terra”

A Grande Mãe oferece alegria a quem também conhece a dor. Seu amor se encontra derramado na criação, e sua graça não exige sacrifícios para se tornar acessível. A devoção pode reconhecê-la na vida e em suas transformações.

Seu caráter psicopompo a apresenta como guia nas passagens da existência. Na crença expressa pela formação, o espírito permanece para além da morte. A promessa de paz, liberdade e reencontro com os que partiram integra o sentido religioso dessa continuidade.

A reintegração à roda da vida prepara uma futura existência terrena, compreendida como reencarnação. A libertação dos véus permite imaginar o reencontro com quem amamos. O mistério da morte participa, assim, do mistério do nascimento e da renovação.

A primeira parte dos Encargos reúne os aspectos imanentes da Deusa: sua presença acessível como Mãe Natureza, seus ciclos e sua abundância. Alegria e prazer constituem caminhos de devoção, enquanto o amor atravessa e toca tudo o que vive.

A Lua Cheia oferece uma imagem dessa plenitude. Suas marés de ápice tornam presente o poder gerador e nutridor da Mãe. A mesma divindade que acompanha o florescimento acompanha o recolhimento e a passagem, sustentando a unidade entre vida e morte.





A Deusa das Estrelas

“Ouçam as palavras da Deusa das estrelas, cujo pó dos pés são as hostes do universo, cujo corpo circunda o universo”

A segunda parte conduz a uma presença que ultrapassa as formas culturais. A Deusa das Estrelas se anuncia como corpo da energia universal. Sua essência excede rosto, nome e gênero. O encontro com ela já não se limita à procura de uma faceta particular.

“Eu que sou a beleza da terra verde e da Lua branca entre as estrelas, e o mistério das águas e o desejo do coração do homem, invoco a vossa alma. Levantai-vos e vinde a mim. Porque sou a alma da Natureza que dá vida ao Universo. De mim provêm todas as coisas e a mim todas as coisas hão de voltar; e diante do meu rosto, amada de Deus e dos homens, deixai o vosso eu divino mais essencial se envolver no êxtase do infinito.”

A invocação muda de direção: a Deusa chama a alma do praticante. A terra verde, a Lua branca, as águas e o desejo tornam-se caminhos para o interior da natureza. Levantar-se e ir ao encontro dela expressa uma religião de participação, em que o movimento do buscador integra a revelação.

A alma da Natureza dá vida ao universo; dela as coisas provêm e a ela retornam. O fluxo e o refluxo lembram a transitoriedade e a presença de um útero que excede a experiência terrena. A vida se reconhece como parte de um movimento mais vasto.

A contemplação de sua face imanente abre acesso à transcendência. O eu divino mais essencial se envolve no êxtase do infinito, aproximando-se daquilo que não pode ser inteiramente nomeado. A poesia permite permanecer junto ao mistério sem encerrá-lo em uma definição.





Os pares que sustentam a devoção

“Deixai a minha veneração penetrar no coração que se rejubila; pois eis que todos os atos de amor e prazer são meus rituais. Por tudo isso, que haja beleza e força, poder e piedade, honra e humildade, júbilo e reverência em vós.”

A veneração alcança o coração que se alegra com a existência. A admiração pelo bom e pelo belo participa da comunhão com a Deusa. O amor e o prazer tornam-se rituais quando vividos nessa relação, ampliando a devoção para além da cerimônia mensal.

A formação aproxima esse princípio dos caminhos tântricos e das vias que se libertam do dogma. O ritual favorece a consciência e permanece um meio de acesso. A intuição e a correta comunhão com o amor permitem reconhecer formas antigas de reverência sem reduzi-las à dependência de uma ordem ou de uma iniciação formal.

As qualidades aparecem em pares porque precisam de reciprocidade. A beleza pede força para ser preservada. O poder pede piedade, para que não se torne destruição. A honra pede humildade, para que não se converta em arrogância e perdição. O júbilo pede reverência, para que não se confunda com autoilusão.

Esses pares orientam a conduta e a relação com a totalidade. Um atributo cultivado sem seu complemento pode perder a medida. A devoção exige atenção ao modo como a força, a alegria e o poder são empregados na existência.

Essa postura também sustenta o sacerdócio. Reverenciar a Deusa inclui amadurecer a relação entre experiência espiritual e comportamento. Os Encargos convocam uma forma de viver que permite ao amor transformar o uso das próprias capacidades.





O mistério que começa em si

“E vós, que pensais em me procurar, sabeis que a vossa busca e ânsia não serão de grande valia para vós a não ser que conheçais o mistério: que se não encontrardes dentro de vós o que buscais, jamais o encontrareis fora de vós. Porque eis que tenho estado convosco desde o início, e sou o que se atinge ao fim de todos os desejos.”

A busca perde profundidade quando permanece apenas nos aspectos exteriores: palavras, instrumentos e formas rituais. O trabalho começa no interior, alcança o mundo e retorna à pessoa. Reconhecer essa dinâmica permite compreender por que o que se procura precisa encontrar ressonância dentro de si.

A máxima “conhece a ti mesmo e conhecerás o universo” aproxima esse ensinamento de uma leitura profunda da experiência. O exterior frequentemente reflete nossas perspectivas; reconhecemos aquilo que mobiliza algo em nós. O autoconhecimento abre uma via para a percepção do mistério.

A Deusa esteve com sua criação desde o início. Mesmo em sua transcendência, não é apresentada como distante. Somos seus filhos e participamos do divino; a mente integra o poder com que nos relacionamos com a existência.

O fim de todos os desejos não anuncia o abandono da vida. Na interpretação desta formação, é a suspensão da insistência do ego em controlar o encontro. O comentário aproxima essa passagem de uma reflexão budista sobre o desejo: querer sem cessar pode impedir a entrega ao que se revela.

Calar a mente, a parcela civilizada e racional que pretende dar conta de tudo, permite ouvir a Deusa. Quando a busca encontra disponibilidade para o mistério, a experiência pode surgir. Essa entrega completa a relação entre interior e exterior que atravessa toda a prática lunar e telúrica.





Imanência e transcendência

A segunda parte dos Encargos apresenta a natureza transcendente da Deusa. Sua potência mais antiga excede a caracterização habitual da consciência humana. A poesia, a percepção e a sensibilidade oferecem uma aproximação que não depende de definir completamente o que se encontra.

A Deusa das Estrelas recebe uma voz feminina na liturgia, mas sua essência ultrapassa os papéis, o sexo e as categorias com que compreendemos a sexualidade. O comentário da Tradição a descreve como andrógina, sem sexo ou além dessas distinções: energia consciente pura.

A imanência abre o caminho à transcendência. A terra, a água, a Lua, o corpo, o amor e o prazer permitem reconhecer sua presença; por meio deles, aproximamo-nos daquilo que excede suas próprias formas. Os dois aspectos pertencem ao mesmo mistério.

Na primeira parte, a Grande Mãe reúne a proximidade com a natureza, a aprendizagem, a liberdade e os ciclos da vida. Na segunda, a Deusa das Estrelas chama o eu essencial à totalidade, aos pares de qualidades e ao encontro interior. A unidade do texto se revela no movimento entre essas duas vozes.

Essa contemplação acompanha o esbá. A vela, o cálice, o alimento, as palavras e os gestos dão forma ao encontro, enquanto a disposição interior lhe oferece profundidade. A Lua Cheia torna-se uma ocasião para celebrar, aprender, pedir e reconhecer a presença da Deusa em toda a vida.





Os Encargos • A Grande Mãe

Texto para a leitura litúrgica

Primeira parte, reunida a partir das passagens presentes no material autoral. Leia-a em continuidade com a segunda parte, na página seguinte.

Ouçam as palavras da Grande Mãe que em outras eras era chamada de Ártemis, Astartéia, Dione, Melusina, Afrodite, Cerridwen, Diana, Arionrhod, Brigida e por muitos outros nomes...

Sempre que tiverdes necessidade de alguma coisa, uma vez por mês, de preferência na Lua Cheia, reuni-vos em algum lugar secreto e adorai meu espírito, eu que sou a Rainha de toda a sabedoria.

Lá deveis vos reunir, vós que estais dispostos a aprender todo tipo de bruxarias, mas ainda não conheceis os segredos mais profundos dela; a estes eu ensino coisas que ainda são desconhecidas.

E sereis livres de escravidão; e como sinal de que sereis realmente livres, ficareis despidos nos vossos rituais; e haveis de cantar, dançar, festejar, tocar música e fazer amor, tudo em minha homenagem. Porque meu é o êxtase do espírito e minha também é a alegria que há na Terra; porque a minha lei é distribuir o amor para todos os seres

Haveis de manter puro o vosso ideal mais elevado, esforçando-vos para sempre atingi-lo; não deixeis absolutamente nada vos impedir ou vos desviar. Porque minha é a Porta Secreta que se abre para o País da Juventude e minha é a taça do Vinho da Vida, o Caldeirão de Cerridwen, o Santo Graal da Imortalidade.

Eu sou a Deusa graciosa que oferece o dom da alegria ao coração do homem. Na Terra, ofereço o conhecimento do espírito eterno; e depois da Morte ofereço paz e liberdade, e reunião com os que se foram antes. Não exijo sacrifícios, pois que sou a Mãe de tudo que é vivo e o meu amor é vertido na terra





Os Encargos • A Deusa das Estrelas

Ouçam as palavras da Deusa das estrelas, cujo pó dos pés são as hostes do universo, cujo corpo circunda o universo

Eu que sou a beleza da terra verde e da Lua branca entre as estrelas, e o mistério das águas e o desejo do coração do homem, invoco a vossa alma. Levantai-vos e vinde a mim. Porque sou a alma da Natureza que dá vida ao Universo. De mim provêm todas as coisas e a mim todas as coisas hão de voltar; e diante do meu rosto, amada de Deus e dos homens, deixai o vosso eu divino mais essencial se envolver no êxtase do infinito.

Deixai a minha veneração penetrar no coração que se rejubila; pois eis que todos os atos de amor e prazer são meus rituais. Por tudo isso, que haja beleza e força, poder e piedade, honra e humildade, júbilo e reverência em vós.

E vós, que pensais em me procurar, sabeis que a vossa busca e ânsia não serão de grande valia para vós a não ser que conheçais o mistério: que se não encontrardes dentro de vós o que buscais, jamais o encontrareis fora de vós. Porque eis que tenho estado convosco desde o início, e sou o que se atinge ao fim de todos os desejos.

A leitura pode seguir sem interrupção entre as duas partes. No esbá, sua proclamação precede o pedido e a magia, conforme a sequência das páginas 5-6. O percurso de contemplação desenvolvido nesta apostila acompanha a liturgia, preservando sua unidade.





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Lição “O Esbá”: Lua Cheia, celebração mensal, Lua e Terra e contemplação dos Encargos da Deusa. A teoria foi reescrita como sequência autônoma de estudos; as orientações práticas e as passagens litúrgicas foram preservadas, com correções pontuais de gramática e pontuação.

Liturgia e leitura simbólica

Os Encargos são apresentados na versão citada pelo material autoral, que relaciona sua elaboração a Doreen Valiente e Gerald B. Gardner e o fundamento do esbá a Charles Leland. A passagem não identifica o tradutor. As páginas 18-19 reúnem os trechos das duas partes disponíveis na fonte; a contemplação das páginas 10-17 segue sua ordem.

As correspondências lunares, as imagens de intensidade e as afirmações sobre o astral, a continuidade do espírito e a Deusa são apresentadas no âmbito simbólico e religioso da Tradição. A referência a moldar e talhar conserva a chave interpretativa do autor.

Consulta prática

Lua Cheia e seus símbolos: páginas 2-3. Fundamentos do esbá: página 4. Materiais e sequência: páginas 5-6. Lua e Terra: páginas 7-8. Linguagem poética: página 9. Encargos e contemplação: páginas 10-19. Abertura e encerramento do Círculo: Apostila 10, páginas 2-5. Grande Rito e Bolos e Vinho: Apostila 10, página 5. Correspondências do banho mensal: Apostila 13.

A celebração é preservada como rito, sem acrescentar exercício numerado. A sequência dos Exercícios 1-7 permanece a já apresentada.

Próxima etapa

Apostila 15 · O estudo seguirá com os fundamentos dos feitiços e o desenvolvimento da prática mágica.

